GUSTAVO FALEIROS E JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA

Jornalistas especializados em meio ambiente e economia verde

de soja do Brasil, a União Europeia e a China, sofreriam altas imediatas no preço de suas cestas básicas com uma quebra de safra em Mato Grosso, por exemplo.

A Argentina em 2011 tem sofrido uma seca extrema e diversas regiões do país declararam estado de emergência. "O mundo não aguentaria uma quebra do Brasil e da Argentina", mencionou um consultor do mercado agrícola em uma reunião do setor, recentemente.

Este ano, contudo, o Brasil continuará aliviando a pressão sobre o mercado mundial da soja, já que, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o País deve bater outro recorde de produção: 71 milhões de toneladas.

Pesquisas para quantificar o impacto das mudanças climáticas sobre a agricultura brasileira estão em nível avançado, graças a estudos conduzidos pela Embrapa em parceria com a Unicamp (acesse em http://tinyurl.com/5wl5ak7).

Os resultados indicam que a receita advinda da produção agrícola pode ser reduzida em R$ 7,4 bilhões até 2020, podendo chegar a R$ 14 bilhões em 2070. A produção de soja pode ser a mais afetada, com uma redução de 40% em 2070, se os piores cenários de mudança na temperatura virarem realidade. Tais alterações podem tornar regiões no Sul do País e no Cerrado do Nordeste pouco aptos à produção da oleaginosa.

Um mundo com menos soja do Brasil e da Argentina é um mundo em que China, Japão e União Europeia competirão para manter estoques com melhor preço para o controle da inflação doméstica. Inflação que, para Brown, será sempre pressionada pelos alimentos – a menos que a mudança climática sejam revertida rapidamente. (*GF*)

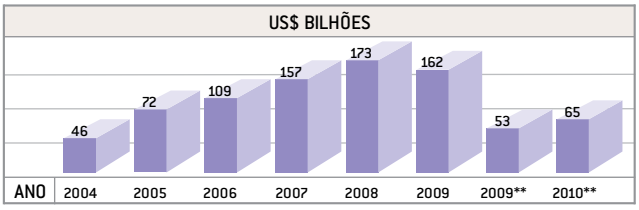
Recursos para energia limpa voltam a crescer

Dados do primeiro semestre de 2010 indicam que os investimentos globais em energia limpa voltaram a crescer. Devido à crise financeira a partir do segundo semestre de 2008, os investimentos globais em biocombustíveis e geração por biomassa e fontes eólica, solar e geotérmica declinaram de US$ 173 bilhões em 2008 para US$ 162 bilhões no ano seguinte.

A recuperação da economia mundial, em curso desde o final de 2009, refletiu-se nos aportes financeiros em energias renováveis: US$ 65 bilhões entre janeiro e junho de 2010, ou 22% mais que no primeiro semestre de 2009.

Tais cifras e análise abrangente sobre as perspectivas de crescimento das renováveis podem ser conferidas no relatório Towards a Green Economy: Pathways to Sustainable Development and Poverty Eradication (em tradução livre, "Rumo à Economia Verde: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza"), lançado em 21 de fevereiro pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Confira no link www.unep.org/greeneconomy. (*JAGP*)

INVESTIMENTO GLOBAL EM ENERGIA SUSTENTÁVEL, EM US$ BILHÕES*



Fonte: Pnuma/Bloomberg New Energy Finance, 2010

**Inclui energias renováveis (biomassa, eólica, geotérmica, solar, ondas do mar e biocombustíveis) e pesquisa em eficiência energética ** Janeiro-junho*

voltou a aumentar para 90%, em 2009, graças ao sucesso do leilão de energia eólica realizado em dezembro de 2009. Para este ano, a participação interna continuará superior a 90%..

Podemos dizer que o efeito montanha-russa já é coisa do passado? Ainda é cedo para afirmar isso, mas as perspectivas são positivas. Vemos três componentes decisivos para consolidar o mercado eólico no Brasil. O governo prometeu o quarto leilão de eólica para o segundo trimestre, mas a promoção desses leilões precisa se tornar regular. Também há indústrias interessadas na autoprodução, que nos demandarão torres, pás e aerogeradores. O terceiro fator é a venda no mercado livre, que deverá ser viabilizada ainda este ano.

Há pelo menos oito companhias estrangeiras com planos de investimento para o Brasil. A empresa não teme perder sua liderança? Apostamos no desenvolvimento do mercado de eólica no país e teremos de conviver com os novos concorrentes. Já temos 420 megawatts instalados e alcançaremos a marca de 1 gigawatt até 2012. Também somos reconhecidos por concluir as usinas dentro do prazo, fornecemos para grandes empresas e os aerogeradores dispensam caixa de câmbio, o que melhora a



qualidade da energia gerada e elimina perdas mecânicas. Não é à toa que as agências de risco classificam o grupo Enercon com AA-, o que só demonstra a solidez de nosso negócio. (*JAGP*)